



Arquiteturas em *Pod Cast*

Linha Temática:
Representação e discurso
na arquitetura e no território

Coordenação
Paulo Tormenta Pinto
Ana Brandão

LT2 Linha Temática
REPRESENTAÇÃO E DISCURSO NA ARQUITETURA E NO TERRITÓRIO

Coordenação:
Paulo Tormenta Pinto
Ana Brandão

Doutorandos:
Nuno Magalhães
Rui Mendes
Sandra Samina
Ana Catarina Graça
Marta Vicente
Elodie Gomes

ISBN: 978-989-781-776-2

dinamia
'cet _iscte

No Ar – Arquiteturas em Pod Cast, resulta de um trabalho realizado no âmbito da linha temática: “Representação e Discurso na Arquitetura e no Território”, do programa de doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos. Os doutorandos foram desafiados a pensar os mecanismos de comunicação e representação dos temas associados às suas teses. Para a descrição de conceitos, ambientes e problemáticas, colocou-se de parte o convencionalismo inerente aos textos científicos, para se explorar um território onde o som, a palavra, o ruído, passaram a ser protagonistas. Na forma de Pod Cast, recriou-se a comunicação radiofónica, explorando-se estímulos sugeridos por enredos sonoros. Os resultados foram gravados em trechos sonoros de aproximadamente 15 minutos, implicando assertividade na entrada dos temas e dos casos de estudo.

Paulo Tormenta Pinto
Professor Catedrático



MODERNIDADE NA HISTORIOGRAFIA CANÓNICA PORTUGUESA. UMA LEITURA DESCONTAMINADA DA MODERNIDADE O COLÉGIO ACADÉMICO DE ÁLVARO MACHADO

Nuno Magalhães
nmagalhaes75@gmail.com



Ficha Técnica
Criação, Produção e Edição | Nuno Magalhães
Locução | Nuno Magalhães
Música | Minuetto, from the Sonata Op. 78 (D.894), Franz Schubert.
Interpretado ao piano por José Vianna da Motta (1868-1948)
09/05/22 | 11m 58s

Imagem
Captação do autor
na Avenida da
República.

GOMES, Paulo
Varela - Arquite-
tura, os últimos
vinte cinco anos
- Arquitetura Por-
tuguesa do Século
XX. In PEREIRA,
Paulo, História da
Arte Portuguesa.
Lisboa: Temas e
Debates, 1995. Vol.
3, p. 577.

O colégio que hoje conhecemos por académico foi projetado por Álvaro Machado, em 1906, para albergar o internato feminino Anna Roussel. A análise que o historiador José Augusto-França dedica a esta obra do início do século XX irá salientar a importância das suas formas modernizantes, que, na sua leitura, pareciam constituir uma das saídas para ultrapassar a agonia em que se encontrava a cultura arquitetónica portuguesa da época. O caso de estudo que elegemos irá servir para quebrar o fascínio que a narrativa da arquitetura moderna exerce. O edifício será, assim, o mote para a exposição de duas leituras historiográficas distintas: Uma leitura contaminada pela modernidade de José-Augusto França, e uma leitura que procurou descontaminar-se dessa mesma modernidade. O paper radiofónico que articula estas leituras irá terminar com uma ação performativa, que materializa uma espécie de “cover”. A “cover” que se irá apresentar consubstancia a nova versão de um velho manifesto: o manifesto Anti Dantas de Almada de Negreiros. O desfile de polémicas deixa de estar associado ao Dantas, e passa a focar-se na personagem mítica do arquiteto moderno. A autocrítica que procurámos levar a cabo, enquanto herdeiros de Nikolaus Pevsner, de Sigfried Giedion, e, em contexto português, de Nuno Portas e de José-Augusto França, não tem qualquer intenção de renegar o contributo pioneiro dos mesmos. O propósito desta reflexão é promover a libertação de moralismos e de mitos de uma tradição moderna, que continua a constituir um importante recurso operativo. A tradição moderna que o próprio Álvaro Siza refere como aquela em que a arquitetura portuguesa “pode viver, sobreviver e prosperar” (cit. GOMES, 1995, p. 577), só será profícua se for adotada com um sentido crítico que nos aproxime dos valores que fundamentam as estruturas arquiteturais da disciplina.



ARQUITETURA COM MEMÓRIA. A ESTALAGEM DE SÃO JERÓNIMO NO CARAMULO

Sandra Samina

sandra_sofia_samina@iscte-iul.pt



Ficha Técnica:

Criação, Produção e Edição | Sandra Samina

Locução | Bernardo Pizarro Miranda (arquiteto), Manuel Possolo Cruz (arquiteto), Ricardo Costa Agarez (arquiteto), Sandra Samina (arquiteta)

Citações | Memória Descritiva do Projeto definitivo da Estalagem de S. Jerónimo no Caramulo de 29 de março de 1960 – Dossier 245 – Arquivo de Alberto Cruz

Música | (534) Relaxar! Paisagem Linda, Som de Riacho e Pássaros – YouTube; (534) Relaxar, Barulho de água, Som de riacho, Sons da natureza - YouTube
09/05/22 | 17m 58s

Imagem
Fachada Sul/Nascente da Estalagem de S. Jerónimo no Caramulo. Arquivo fotográfico do espólio de Alberto Cruz

Este podcast visa estudar e compreender o projeto da Estalagem de S. Jerónimo no Caramulo do arquiteto Alberto Cruz, através do processo de articulação entre o desenho do edifício e a circunstância do lugar.

As entrevistas realizadas clarificam o enquadramento desta Estalagem na história da arquitetura portuguesa, o processo criativo inerente ao projeto e a visão fenomenológica do lugar e do edifício. Percebemos as sensações que o lugar transmite através do som assim como pelo testemunho de vivências naquele espaço.

Sublinho os seguintes parágrafos da memória descritiva do projeto entregue a 29 de março de 1960:

«Cumpre-nos confessar a difícil tradução exata em planta das características que julgamos diferenciada, próprias de uma Estalagem. Na verdade, nem casa de habitação, ainda que grande, nem pequeno hotel; nem Pousada, de programa mais ou menos desenvolvido. Talvez de tudo um pouco. Daqui a dificuldade em responder objetivamente a um programa que, para além das imposições concretas, veio condicionar uma solução de características sem dúvida especiais, mas, exatamente menos definíveis.

A nossa maior ambição será, contudo, que a futura Estalagem de S. Jerónimo se prenda àquele pedaço da Serra. Que, de algum modo, se enquadre naquele ambiente tão genuíno. O clima e o modo de ser daquela gente (o seu meio) caracterizarão a sua arquitetura que deverá ser sóbria, mesmo um pouco rude. Mas viva e expressiva.»



BALÉ DAS RUAS. A CIDADE PARA BRINCAR

Ana Catarina Graça
acatarina.graca@gmail.com



Ficha Técnica:

Criação, Produção e Edição | Ana Catarina Graça
Citações | Jane Jacobs; Francesco Tonnucci; Aldo Van Eyck
Manifesto | A Cidade do Sim, da Cidade Ativa
Música | “Baião Destemperado”, de Barbatuques
09/05/22 | 11m 04s

Imagem
ROBINSON, Chris-
tjan (2020),
És importante, edi-
tora Orfeu Negro

Neste podcast, Balé das ruas – a cidade para brincar, somos convidados a falar sobre a cidade do ponto de vista das crianças, na procura de respostas, desenhando soluções para os espaços públicos da cidade.

O balé das ruas, ou “sidewalk ballet”, é uma expressão de Jane Jacobs para demonstrar que as ruas formam um balé próprio, onde cada indivíduo, seja adulto ou criança, tem um papel e, quando todos juntos, cria-se uma dança que dá vida ao espaço público, sendo que os passos de dança são as ações que as pessoas praticam no mesmo. As pessoas e crianças fazem usos distintos da rua em diversos momentos do dia, com espontaneidade das movimentações quotidianas.

A espontaneidade associada ao balé e, para Jane Jacobs, uma movimentação que desperta o interesse por não ser uma coreografia previamente ensaiada e planeada em detalhe, mas “uma dança mecânica, com os figurantes erguendo a perna ao mesmo tempo, rodopiando em sincronia, curvando-se juntos” (Jacobs, 1961), mas um conjunto de trajetórias e representações de papéis que nunca se repetem da mesma forma, que estão “sempre repletos de novas improvisações” (Jacobs, 1961). Por fim, assiste-se à leitura de excertos retirados do manifesto por cidades acolhedoras – A Cidade do Sim, realizado pela Cidade Ativa.



ALÉM-FACHADA. O LADO ÍNTIMO DO N.º 55 DA RUA DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

Marta Vicente

marta.gonc.vicente@gmail.com



Ficha Técnica:

Criação, Produção e Edição | Marta Vicente

Locução | Marta Vicente e Pedro Pato

Citações | Processo de obra n.º 527 do Arquivo Municipal de Lisboa

Música | "Esse olhar que era só teu", Dead Combo

09/05/22 | 13m 06s

Imagem
"Início - do - fim".
Processo de obra
n.º 527, Volume 8,
Arquivo Municipal
de Lisboa.

A investigação da tese de doutoramento “Culturas de reabilitação de edifícios antigos (1980-2020). O caso do eixo Cais do Sodré – Rato”, origina o episódio-piloto de um podcast imaginado e criado em torno do lado privado das cidades: o lado que se esconde para lá das fachadas que desenham ruas e praças da cidade de Lisboa. É comum vermos partes das cidades históricas e contemporâneas, estudadas, analisadas e dissecadas do ponto de vista da sua história, do seu desenho urbano e do seu espaço público. Contudo, não tão frequentemente somos confrontados com olhares para lá das fachadas que confinam ruas, praças e avenidas dessas mesmas cidades. É precisamente esse olhar sobre o interior e as suas transformações, mais ou menos formais, mais ou menos documentadas e licenciadas, que a investigação de doutoramento procura trazer a público. Caracterizando e enquadrando, no tempo e no espaço, a evolução das práticas de reabilitação de edifícios antigos. Neste episódio, lança-se o convite para conhecer no tempo e no espaço o percurso de vida de um dos edifícios da Rua de São Pedro de Alcântara, no topo da Sétima Colina. O objetivo passa por dar a conhecer aquele que tem sido o percurso transformativo do interior de um edifício comum, de uso predominantemente habitacional. Um edifício de origem pombalina que, como tantos outros, conhecemos pelo exterior enquanto ignoramos os pormenores do seu interior – passado e presente.



AS HABITAÇÕES COLETIVAS E EVOLUTIVAS NA MATRIZ DA CIDADE NOVA DE SANTO ANDRÉ

Rui Mendes
ruimiguelmendes@gmail.com



Ficha Técnica:
Criação | Apresentação: Rui Mendes
Produção | Rui Mendes e Paulo Catrica
Entrevistas | Guilherme Câncio Martins
Citações | Manuel Graça Dias- ver artes/RTP
12/05/22 | 14m 01s

Imagem
Arquitectura: Soares
de Oliveira, José Sil-
va Pereira. 1971-73
Fotografia: arquivo
municipal de Santi-
ago do Cacém

MENDES, Rui
- O Desenho
do "Projecto de
Sines" 1971-1986
Modernidade
Dilatada no Espaço
e no Tempo
E a Cidade Nova de
Santo André/ (título
da tese em curso)

A ideia de Santo André como Laboratório de investigação tipológica em habitação coletiva tem vindo a ganhar consistência nesta investigação sobre "O desenho do Projecto de Sines"

O Núcleo Urbano desenvolvido dentro do grande "Projecto de Sines" foi originalmente estabelecido como necessidade conjuntural na viabilidade do investimento Industrial. Como secção de projecto autónomo, o seu peso era diminuto em relação ao peso das infraestruturas industriais e estruturas portuárias.

O interesse primordial do Projecto Industrial era conseguir aproveitar o fecho do Canal do Suez e rapidamente localizar uma Área Concentrada de Indústrias de Base, em Sines. O crescimento urbano do triângulo Sines-Santiago do Cacém-Lagoa de Santo André, seria uma consequência em segunda linha. Esta posição na segunda linha parece ter garantido menor escrutínio governamental. Um trabalho para os arquitetos e o seu grupo de trabalho. Como Cidade dos Trabalhadores a experimentação terá sido mais legitimada.

A qualidade laboratorial do processo de planeamento tem particulares antecedentes de referência que o arquiteto Câncio Martins traz da sua experiência do Instituto de Urbanismo de Paris (com Tony Garnier e por fim com Lefebvre).

Em 1996, entre Maio e Junho, Manuel Graça Dias realiza para o seu programa na RTP "ver artes", dois episódios dedicados à Cidade Nova de Santo André, a celebrar 10 anos após a fecho do Gabinete da Área de Sines.

Hoje, celebrando os 50 anos do nascimento da Cidade Nova de Santo André, propomos novos episódios que venham apresentar e discutir características particulares deste projecto.

Neste episódio, com o arquiteto Câncio Martins, o coordenador do plano inicial, vamos focar-nos nos primeiros núcleos de habitação construídos. São as primeiras peças que refletem os critérios urbanos e tipológicos para a implantação e implementação da Cidade Nova de Santo André.

O arranque do núcleo Urbano é marcado pela decisão aprovada no Plano Geral de construir alojamentos para os operários envolvidos na construção e para as primeiras famílias. São desenvolvidos três núcleos: Alojamentos coletivos; Habitações evolutivas; habitações coletivas em galeria. São as tipologias que ainda hoje se destacam no tecido urbano, com todas as alterações e evoluções morfológicas.



DISCURSOS DA ARQUITETURA E DO AMBIENTE. GONÇALO RIBEIRO- TELLES

Elodie Marques

elodie__marques@hotmail.com



Ficha Técnica:

Criação / Apresentação | Elodie Gomes Marques.

Produção | Elodie Gomes Marques.

Locução | Elodie Gomes Marques; Gonçalo Ribeiro Telles e Luís Filipe Costa.

Música | SAULT (2022). Time is Precious.

13/05/22 | 13m 55s

Imagem
Plano da estrutura
verde de Lisboa.
Planta não datada
e sem identificação
de autores. Arquivo
de Gonçalo Ribeiro
Telles.

Telles, G. R. (1966). A
cidade e a nature-
za viva. Revista o
tempo e o modo.
1ª serie. N°34-35.
Janeiro-fevereiro.
Pp.32-46.

A investigação da tese de doutoramento “Debates em torno do Meio Ambiente Humano: Lisboa (1940-1987)”, origina o episódio de um podcast criado em torno dos debates emergentes relacionados com o ambiente e as suas repercussões. Hoje, a questão ambiental é global. As comunidades necessitam de reforçar a sua resiliência de modo sustentável e gerir recursos cada vez mais escassos é, portanto, essencial um novo entendimento integrado da forma como esta questão foi tratada ao longo dos últimos setenta anos através do projeto e de visões que pareciam menos urgentes e que hoje adquirem uma importância fundamental.

Procura dar-se um contributo para este debate fundamental que vai ser cada vez mais premente, trazendo outras abordagens a partir da investigação documental, do projeto e do modo de leitura e interpretação de como determinadas preocupações e projetos foram evoluindo com o passar do tempo.

Neste episódio, resgatando alertas sobre os problemas do ambiente, centremo-nos no discurso do ativista e arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles focando-nos em duas fontes. A primeira fonte trata-se do texto A cidade e a natureza viva, publicado em 1966 na revista O Tempo e o Modo. Revista de Pensamento e Acção. A segunda fonte trata-se da entrevista de Luís Filipe Costa ao Arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles no programa Há só uma terra. Um programa da Comissão Nacional do Ambiente emitido pela RTP em 1974.

Tendo como referência estas duas fontes, procura-se o seu cruzamento através da leitura de excertos do artigo A cidade e a Natureza Viva e a audição da entrevista a Gonçalo Ribeiro Telles.

